

A MISÉRIA DAS PALAVRAS

Patrícia da Silva Cardoso*

Na “Nota Introdutória” a *Da poesia portuguesa* Jorge de Sena declara: “a literatura, de resto, é algo de somenos que nunca me interessou; salvo raras exceções que me espantam, sempre a achei uma forma de analfabetismo, exatamente como o ensino universitário: uma e outro não conferem cultura, mas ideias feitas, preconceitos, muita presunção vazia.” Registrada nesse texto identificado pelo autor como ensaio, tal declaração cumpre bem o papel que, poucas páginas antes, Sena havia atribuído àquela modalidade, o de ser “antididático – contribuir discretamente para a confusão dos espíritos.” Deveras grande é a confusão que alguém pode provocar ao afirmar seu desinteresse pela literatura quando dela se ocupa a partir de nada menos que duas frentes, a da prática literária propriamente dita e a de sua reflexão crítica.

Mas o efeito de “confusão nos espíritos” almejado por Sena está longe de ser para ele um ponto de chegada. Interessa-lhe o desdobramento provocado por essa confusão, uma reviravolta no pensamento, que retire leitores, autores, estudantes, seres humanos, enfim, da posição letárgica de quem se restringe a reproduzir o desprezível – “ideias feitas, preconceitos, muita presunção vazia”. Assim, fiel ao seu objetivo, estenderá o antididatismo para sua prática poética, provocando o leitor a confrontar-se com a palavra – com sua natureza e função –, elemento essencial na fabricação da poesia e do mundo.

“A miséria das palavras” é um poema que se desenvolve como observação e denúncia do esvaziamento da força da palavra. À partida, belicamente, a serviço da “confusão nos espíritos” como acontece naquela “Nota Introdutória”, o eu lírico declara: “Não: não me falem assim na miséria, nos pobres, na liberdade”. O “assim” corresponde àquele estado de coisas

dominado pelo princípio das ideias feitas & cia, que desconfigura a seriedade que as palavras “miséria”, “pobres” e “liberdade” carregam consigo. Seriedade tamanha que a sua simples menção deveria ser suficiente para suprimir as condições a que as duas primeiras palavras correspondem e fazer materializar-se a terceira: “Se a miséria e a pobreza / fossem o vômito que deviam ser posto em palavras, / a imaginação possuída e vomitada que deviam ser, / viria a liberdade por acréscimo, sem palavras, sem gestos, sem delíquios.”

Mas, num cenário dominado pela letargia alimentada de ideias feitas, dizer “miséria”, “pobres”, não aciona a imaginação que faz quem está longe da pobreza e da miséria senti-las no pensamento (para usar a poderosa articulação cara a Fernando Pessoa), profundamente – o que se expressa precisamente em “imaginação possuída e vomitada” –, banindo-as por isso como absurdos. Opera-se então uma fratura entre a palavra e a coisa que ela diz (“apenas se fala do que não se fala”), para o que o comprometimento da imaginação é determinante. No limite, a força da palavra depende da sua articulação com a imaginação, pois é esta que nos pode projetar em um mundo sem miséria e sem pobres: “e a miséria é isso: não imaginar / o nome que transforma a ideia em coisa, / a coisa que transforma o ser em vida, / a vida que transforma a língua em algo mais / que o falar por falar”.

“A miséria das palavras” é um exemplo perfeito do exercício daquele antididatismo assumido por Jorge de Sena, de seu compromisso com a palavra que, para nosso proveito, levou-o a falar muito, mas nunca a falar por falar.

* Graduiu-se em Letras pela Universidade Estadual de Campinas, onde também fez Mestrado e Doutorado, ambos na área de Teoria e História Literária. É professora da Universidade Federal do Paraná. Foi professora visitante na Universität Leipzig, na Alemanha, e na Université Lyon 2-Lumière, na França. Como bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian, fez pós-doutorado na Universidade Nova de Lisboa e, com bolsa da CAPES, fez pós-doutorado, na University of Surrey, Inglaterra. Foi presidente da ABRAPLIP (Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa) no biênio 2016-7. Coordena, o mestrado bilateral entre a Universidade Federal do Paraná e a Université Lyon 2-Lumière. Dá ênfase à Literatura Portuguesa e aos

diálogos entre esta e outras literaturas, como a brasileira, a inglesa e a francesa. Investiga e orienta pesquisas, entre outros temas, sobre o conceito de representação e seus possíveis vínculos com o imaginário construído pelo discurso ficcional, no âmbito da produção literária e cinematográfica e a identidade do sujeito e a identidade cultural.